UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
COMUNICAÇÃO SOCIAL E JORNALISMO

CALIFÓRNIA BRASILEIRA: A POBREZA EM RETRATOS RIBEIRÃO-PRETANOS

Kleberson Rodrigues

RIBEIRÃO PRETO
2019

CALIFÓRNIA BRASILEIRA: A POBREZA EM RETRATOS RIBEIRÃO-PRETANOS

Relatório apresentado à Universidade de Ribeirão Preto UNAERP, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: PROF. RAFAEL REIS

RIBEIRÃO PRETO
2019

CALIFÓRNIA BRASILEIRA: A POBREZA EM RETRATOS RIBEIRÃO-PRETANOS

Produto midiático apresentado à Universidade de Ribeirão Preto UNAERP, como requisito parcial para a obtenção do título de Jornalismo.

Aprovação: ___ /___ / ___

_____

Prof. Rafael Reis
Universidade de Ribeirão Preto
Orientador

_____

Co-orientadora: Prof. Dra. Daniela Tincani
Universidade de Ribeirão Preto
Coorientadora

RESUMO

O fotolivro Califórnia Brasileira: A Pobreza em Retratos Ribeirão-pretanos aborda o espectro da pobreza sobre a cidade de Ribeirão Preto. Construído com métodos de entrevista em profundidade, fotojornalismo e inspirado pela obra do sociólogo Josué de Castro o produto consiste em retratar as pessoas submetidas à cultura pobreza e as mazelas provenientes dela e tem como objetivo analisar, contextualizar e registrar a rotina e comportamento dos moradores de rua da região central e os aspectos da subsistência e ausência de amparo social.

Palavras-chave: Pobreza, Mazelas, Cultura da Fome, Ribeirão Preto, Fotolivro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....6

1.0 O ESPECTRO DA CULTURA DA FOME 9

1.1 RIBEIRÃO PRETO E A CULTURA DA FOME.....12

2.0 FOTOLIVRO: FOTOGRAFAR E ENTREVISTAR.....15

2.1 FOTOGRAFIA COMO REGISTRO SOCIAL 16

2.2 A ARTE INTIMISTA DA ENTREVISTA.....17

3.0 FOTOLIVRO: O RETRATO DA FOME EM RIBEIRÃO PRETO.....20

3.1 FOTOLIVRO: O RETRATO DA FOME EM RIBEIRÃO PRETO.....21

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....25

ANEXOS.....27

INTRODUÇÃO

A fome é um problema enraizado na sociedade. Desde o princípio da sociedade, esse mal caminha nas sombras da sociedade e se concretiza sendo resultado de problemas econômicos e dificuldades na implantação de políticas assistencialistas. Desde o final do século 19, a etnografia procurou entender o conjunto de fatores que resultaram na fome. A partir do século 20, os estudos tornaram-se mais acentuados, já que a divisão geográfica pós primeira e segunda guerras mundiais trouxe uma perspectiva global e a fragmentação de vários espaços se viram vítimas das mazelas, além de que, grandes nações também foram afetadas, seja por falta de recursos para produção ou gestão de políticas públicas(DELGADO, 2001).

Em Geografia da Fome, CASTRO (1946) aborda os espectros que açoitam a sociedade desprovida de recursos básicos, políticas e isolada geograficamente. Ao aplicar os estudos de Josué de Castro no Brasil, afirma-se que as regiões norte e nordeste são as mais avassaladas por esses fatores. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE. 2018) cerca de 8 milhões de nordestinos sobrevivem com R$2,00 diariamente. No interior de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto (âmbito geográfico do fotolivro) a situação não se iguala às das regiões norte e nordeste do país, contudo, sofre do mesmo açoite social.

Em síntese a cidade interiorana, capital do agronegócio, ocupa uma posição avantajada no que se refere à zona de pobreza, em 2010 o IBGE registrou que 88,3% da população ribeirão-pretana vive acima da linha da pobreza, os números são o reflexo do alto desenvolvimento. O munícipio representa R$44.463,80 bilhões no PIB estadual sendo a 11ª no ranking estadual. Em 2007 o Índice Paulista de Responsabilidade Social(IPRS) registrou a ascensão econômica do munícipio e seus reflexos, foi registrado aumento na qualidade de vida de seus moradores tendo o foco em: educação, longevidade e riqueza. Dentro da tabela de Índice de Desenvolvimento Humano da Renda (IDH-R) Ribeirão Preto representa 0,820, sendo considerado muito alto de acordo com as pesquisas realizadas pelo PNUD (Programa das Nações Unidas em Desenvolvimento). Contudo, mesmo sendo um munícipio considerado bem-sucedido, ainda há discrepâncias sociais, a cidade sofre com problemas em sua estrutura social.

De acordo a Companhia Habitacional de Ribeirão Preto(COHAB-RP) o município tem cerca de 70 áreas consideras impróprias para moradia, ou seja, são cerca de 500 famílias vivendo em condições subumanas que engloba fatores como: falta de política de saneamento, amparo médico e educacional e também subsistência gerada pela falta de renda fixa. Em

entrevista para o portal online ACidadeON, o secretário municipal de Planejamento, Edsom Ortega Marques, frisa as políticas de amparo prematuras "Nunca houve um programa de regularização fundiária em Ribeirão, tivemos que começar do zero" (ORTEGA, 2018).

Quando se pensa em fome na cidade grande cria-se a ideia de espaços e pessoas isoladas, partindo desse pressuposto, as regiões norte, oeste e centro de Ribeirão Preto serviram de cenário para o fotolivro, isso porque dentro das regiões norte e oeste estão localizadas alguns dos bairros periféricos da cidade, como por exemplo a região do Parque Ribeirão Preto localizado na zona oeste da cidade, o bairro, nasceu como extensão dos bairros Jd. Centenário e Vila Virginia e teve um crescimento notório nos anos 90 devido à fama de "Califórnia Brasileira" que a cidade desenvolveu na década. Boa parte da população desses bairros viera por meio de diásporas econômicas em busca de melhorias de vida e motivadas pela ideia de que "o dinheiro que rolava nas ruas". Na região central é onde se encontra a maior população de moradores de rua e pedintes, alguns até subsistem por meio de pescaria no rio localizado na Avenida Jerônimo Gonçalves.

O objetivo da pesquisa foi demonstrar as pessoas que subsistem em uma cultura de fome e pobreza em Ribeirão Preto. Visto que, a cidade tem um IDH considerado alto, a pesquisa reúne informações bibliográficas para sua composição. Com base nessas informações será realizado entrevista em profundidade com as fontes para demonstrar o reflexo dessa cultura na cidade. A estrutura do produto midiático tem como mídia o fotolivro, contudo, a realização do produto será feita de maneira minuciosa para evitar desconforto ou exposição indesejada.

A construção do fotolivro partiu de métodos de entrevista em profundidade e fotojornalismo, além de também contar com influência da base de análise social de Josué de Castro. O processo de diagramação decorreu das referências a história e a construção de livro de fotografia, contudo, a composição das fotos também decorre dos métodos estruturados pelas referências, as técnicas que englobam: ângulo, plano, iluminação e tom, determina o rumo que da linguagem que o fotolivro quer apresentar. Além dos métodos de construção de livro de fotografia e técnicas fotográficas, a metodologia de entrevista em profundidade também compõe os fundamentos, toda a abordagem das fontes e relatos coletados são estruturados por meio de técnicas de entrevista o projeto visa relatos construídos por meio de abordagens instrospectivas.

A estruturação do relatório decorreu partindo da análise da cultura da fome e seu espectro na sociedade, o objetivo não é provar a existência desses fatores, contudo, é necessário a contextualização para embasar o desenvolvimento da pesquisa. Após a

contextualização do tema será abordado o reflexo na cidade de Ribeirão Preto, visto que, ela será o palco para o desenvolvimento da pesquisa; em seguida será construído os pilares do produto midiático, sendo eles: fotolivro, fotografia e entrevista em profundidade. Fundamentados, os três serão a base para a construção do produto da pesquisa.

1. O Espectro da cultura da fome

Entende-se por sociedade o organismo estabelecido por regras e deveres que implicam no desenvolvimento pessoal e coletivo, por intermédio de hierarquizações, pressupõe que, o ser social desenvolve a sociedade para o autodesenvolvimento. Contudo, cabe compreender que os deveres não empregam somente a ação do homem em prol da sociedade, mas também o amparo aos princípios básicos para a existência. Assim como citado em A Afirmação Histórica dos Direitos Humanos (COMPARATO, 2003), o mérito de uma sociedade moderna é atribuído à coexistência de direitos sociais que servem de alicerce para o desenvolvimento coletivo.

É de conhecimento básico que os direitos sociais surgem por meio da estrutura de sociedade moderna democrática e partem de uma constituição que arquiteta as bases políticas de um país. Os direitos sociais partem de necessidades individuais e coletivas e confortam as indigências manifestadas com o decorrer da vida humana, ou seja, por meio deles o ser social se engaja socialmente devido ao acesso aos princípios combatentes aos fatores que ferem o direito à vida. Esses fatores são compostos por necessidades e açoites que afligem a figura do ser social. Fome, doenças, ausência de saneamento e insegurança são só alguns dos fatores que compõem o espectro anti-vida que assombra o organismo social.

A pobreza dentro dos fatores do espectro, é um dos maiores inimigos sociais, seu reflexo fisiológico caracteriza o horror que a carne pode viver, perda de peso, limitação da capacidade de desenvolvimento e aprendizado, desestruturação do organismo tornando-o frágil e morte inevitável são traços da caracterização litúrgica que transcreve a figura imagética do cavaleiro portador de uma balança e montado em um cavalo preto que assombra a crença popular. Contudo, a fome, acima de tudo, é inimiga de todos os aspectos inerentes à vida, corrosiva e mortal, a mazela traz intrínseca o poder de deteriorar qualquer organismo social. Em LasHurdes, tierrasinpan (BUÑUEL, Luís. 1933) o espectro da fome corrói a vida de moradores de uma vila na Espanha, o curta-metragem de 30 minutos e narra o resultado do aspecto político em uma região montanhosa batizada de LasHurdes, a extrema pobreza conduz os moradores ao declínio social e individual, visto que, a estrutura social da vila e a vida de seus moradores entram em processo de deterioração, a desnutrição provida pela fome desencadeia o extermínio do povo da região, descrentes do Estado, a base cultural estabelecida pela pungência da fome determina que a morte é a sina predominante para a vida que habita a região montanhosa ao norte da estremadura que separa a Espanha de Portugal.

A realidade crua intrínseca ao conteúdo do curta-metragem se distancia completamente de qualquer subjetividade surgida dentro do conhecimento popular, a fome dentro do âmbito social revela-se como uma cultura enraizada socialmente, quando se pensa em cultura, a significação se veste ambiguamente, isso porque se entende como cultura três fatores relevantes para o desenvolvimento humano, sendo eles: agricultura somada a horticultura, biologia e antropologia. Pressupõe que a linha de produção de alimento, a nutrição e a fisiologia, somados a pluralidade estrutural de uma sociedade, atuam homogeneamente como chave para o funcionamento do organismo social, ou seja, a sociedade produz o alimento, o alimento nutre o ser social e, por sua vez, nutre a sociedade.

O princípio de vida social parte do pressuposto de três culturas distintas que se atribuem à produção de alimento, a alimentação humana e sua atuação dentro do organismo social, contudo, a nutrição do organismo implica diretamente na ação do homem e seu papel a se desempenhar dentro da sociedade. O protagonismo do ser social resulta diretamente na composição econômica e política e sua função está diretamente ligada às habilidades intelectuais e mecânicas que compõem a produção, esses dois aspectos integram os métodos de trabalhos que servem de denominadores para a construção dos modelos de trabalhos para empregar a singularidade de cada membro socialmente incluso para mover a engenharia social.

Em Geografia da fome (CASTRO, 1946) é mapeado a desestrutura social ao traçar o mapa da fome no início do século 20, em seu conteúdo, o geógrafo define os capítulos por áreas e motivos isolados, os aspectos geográficos e a infertilidade da terra, o desenvolvimento de mazelas patológicas causadas por subnutrição e a inadimplência estatal, são somente alguns dos itens em pauta, todavia, logo na introdução um ponto é indagado, essa observação dada como positiva se transformaria negativamente em um futuro não muito distante da publicação do livro, ou seja, as diásporas para os grandes centros urbanos.

> Nos últimos anos vem entretanto o Brasil sofrendo uma profunda transformação em sua economia, a qual embora nem sempre traduza um autêntico progresso social, capaz de melhorar as condições de vida do seu povo, tem de qualquer forma provocado substancial alteração no quadro da realidade [...]. Já não somos um país simplesmente agrícola e de pura economia colonial. A industrialização se vem processando nos últimos anos em ritmo acelerado, deslocando sensivelmente o eixo da nossa economia (CASTRO, Josué. 1946, Pg 27)

Passaram-se cerca de 73 anos desde a publicação de Geografia da fome, nesse tempo o Brasil sofreu diversas metamorfoses políticas, atualmente, o modelo de política democrática contemporânea propõe direitos sociais e constitucionais que abrigam políticas de amparo e

desenvolvimento, contudo, a fome ainda é um espectro que assombra a vida de muitos brasileiros. De 2016 para 2017 dois milhões de brasileiros passaram para baixo da linha da pobreza, de acordo com os dados publicados pelo o IBGE em 5 de dezembro de 2018, cerca de 55 milhões de pessoas vivem em situação de pobreza, sendo que, 15,2 milhões estão abaixo da linha determinada pelo Banco Mundial. Entre os inúmeros motivos citados por Josué de Castro (1946) as displicências das políticas econômicas e assistenciais colocam o país na penumbra da fome.

Até 2014, o Brasil vivenciava um período de bonança econômica, nesse período vivia-se um dos primores da política social, ou seja, o país saia do mapa da fome. De 2002 a 2013, cerca de 82% da pobreza extrema do país foi reduzida drasticamente, como aponta a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO[1]). Em 2018, a agência voltou a publicar sobre o desenvolvimento social do país, contudo, os resultados relevados são alarmantes, isso porque existe uma grande chance de o Brasil voltar ao mapa da fome.

No começo do capítulo, os direitos e deveres presentes em emendas constitucionais vieram a ser apresentados como alicerce para o desenvolvimento social-democrático. O artigo 6º da Constituição Federal de 1988 recebeu em 2010 uma emenda constitucional de número 64, que incluiu a alimentação como direito básico: "Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição."(Constituição da República Federativa do Brasil. 1988).

O direito e o dever não cabem só ao ser social, mas também ao Estado. Aprende-se com a geopolítica que é de responsabilidade do Estado as carências do organismo social, cabe a ele afrontar os espectros que assombram o ser social e descontruir toda cultura anti-vida. Todavia, mesmo com a legalidade constitucional, ainda sim o direito ao bem-estar básico não é acessível para todos os seres sociais, os números apontados acima demonstram um crescimento de desigualdade desenfreado. O crescimento pode ser visto nos dados obtidos através de uma pesquisa realizada no primeiro trimestre 2019 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), os números indicados são obtidos por meio de uma pesquisa de índice Gini, essa pesquisa serve para monitorar a desigualdade de renda em uma escala de 0 a 1. Ou seja,

[1] Sigla em inglês para FoodandAgricultureOrganization(Em português: Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) é uma das agências das Nações Unidas, a que lidera esforços para a erradicação da fome e combate à pobreza

comparado ao ano de 2015, em que os números beiravam a 0,6 em 2019, o índice alcançou a escala de 0,625.

A desigualdade cresce na medida que as políticas públicas falham com o desenvolvimento, sendo esse o principal fator para a deficiência social e o motivador dos problemas do objeto de análise deste produto.

Entende-se por objeto de análise pessoas submetidas à cultura da fome, contudo, o aspecto de análise deste produto não visa uma abordagem ampla, mas sim a região pobre de Ribeirão Preto localizada no interior do estado de São Paulo. Antes de abordar as consequências da cultura da fome, deve-se esclarecer que, ao tratar de centros urbanos, as mazelas surgem especificamente de problemas políticos, ou seja, oposto das regiões afastadas que tem como junto aos fatores políticos também trazem possíveis causas que podem afetar o autodesenvolvimento, como por exemplo no interior nordeste que, além da falta de políticas de amparo, o fator geográfico impede a prática a agricultura, famílias que têm como principal forma de renda a agrocultura, passam subsistir devido às variações climáticas que resultam em processos dificultosos de produção agrícola (CASTRO, 2012).

Recapitular e acentuar o que é cultura da fome é fundamental para partir para o próximo tópico. Emprega-se a cultura da fome o aspecto contramão aos princípios básicos do homem e sociedade, visto que, o homem é um ser social e precisa acompanhar o organismo social para se desenvolver e desenvolvê-lo, essa estrutura parte de três fatores: agricultura, fisiologia e antropologia (CASTRO, 2012). Os três fatores coexistem para implicar o desenvolvimento individual e coletivo, já que, o homem produz o alimento para autossatisfação e a satisfação coletiva, logo, um corpo bem nutrido está apto a trabalhar e produzir socialmente, dessa forma, cumpre as necessidades da demanda social. Contudo, se criarmos uma situação de subnutrição em um organismo social, sua desestruturação é inevitável, visto que, o ser social definhará na medida que o corpo cede as carências deixadas pela a cultura da fome, todavia, mesmo dentro de uma perspectiva baseada em obviedade, o organismo social é incapaz de amparar todos os membros sociais, o que resulta diretamente em criação de zonas de subsistência onde abrigam pessoas à penumbra do espectro da fome.

1.1 Ribeirão Preto e a Cultura da Fome.

A cidade localizada no interior paulista não assume um papel significante na análise de zonas de fome, contudo, para maior eficácia dos estudos, o enfoque deve permanecer em torno das regiões nordeste e norte do Brasil. Todavia, a cidade de Ribeirão Preto se mostra um caso interessante para se analisar, antes de qualquer abordagem, compreende-se que a cidade

está completamente distante da penumbra do espectro da fome, visto que, a cidade tem um dos melhores Índice de Desenvolvimento Social Humano (IDH). O desenvolvimento da cidade começa a partir do declínio do cultivo do café, visto que, devido à crise do café os setores econômicos baseados em agricultura buscaram novas metas de plantio, no caso da cidade de Ribeirão Preto, a cana-de-açúcar abriu-lhe as portas para a ascensão econômica e o desenvolvimento de relacionamento comercial. A cidade obteve um impacto econômico gigantesco no país e seus reflexos podem ser vistos até hoje nos índices de desenvolvimento.

> A história de Ribeirão Preto diz que a liderança reconquistada com a ascensão do açúcar e do álcool no mercado mundial, e sendo a região maior produtora nacional, a capital do nordeste paulista experimentou o crescimento em outros setores da economia. As receitas do agronegócio convergiram para as cidades da região, em especial para Ribeirão Preto, promovendo prosperidade. Ribeirão desenvolveu drasticamente o comércio e a prestação de serviços tornando-se um centro de atração na região.
> Dentro de a história de Ribeirão Preto. A denominação "Califórnia Brasileira" à região surgiu na década de 80, no relato de um jornalista do Jornal do Brasil, Ricardo Kotscho, enviado para uma reportagem especial sobre os efeitos da indústria do açúcar e do álcool na vida econômica dessas cidades. A região estava se transformando no maior centro produtor do mundo com mudanças marcantes na paisagem rural e urbana de Ribeirão Preto e suas vizinhas. (A História de Ribeirão Preto, **Convention&Visitors Bureau**. 2001)

A alcunha de "Califórnia Brasileira" sedimentou sua posição econômica e desencadeou diásporas rumo à cidade em busca de ascensão social. Se nos anos 40 a perspectiva de desenvolvimento social caminhada junto ao desenvolvimento industrial (como visto no capítulo anterior), em meados de 90 a demanda demográfica não comportou tantas pessoas vindo à Ribeirão Preto em busca de melhores condições de vida, visto que, com a desaceleração do setor industrial, a cidade não comportou tantas pessoas, dando origem às favelas que hoje ao todo somam mais de 70. O crescimento demográfico somado a crise no setor industrial[2] afetou diretamente o estilo de vida de alguns ribeirão-pretanos , pois eles passaram a cair em subsistência dentro das inúmeras favelas que em sua grande maioria localizadas nas regiões norte e oeste. O crescimento desenfreado dessas zonas de pobreza aumento drasticamente na cidade "os números foram de 15 a 96 de 1994 a 2018" (CATANHO, 2018).

---

[2]De acordo com a matéria publicada pela Folha de São Paulo em 31 de agosto de 2018. A automatização do setor industrial também implicou no aumento de desemprego na cidade. Muitos imigrantes viam para a cidade para a prática do corte de cana, com o surgimento de políticas regulamentadoras e tecnologias a prática do corte de cana se tornou extinta.

Mesmo com regularização fundiária e políticas de realocação, o município lida com a herança deixada pela “Califórnia Brasileira”. Contudo, mesmo sabendo contornar e manter-se disparado no índice de desenvolvimento humano, Ribeirão Preto tem sobre si uma sombra de desigualdade e submissão à cultura da fome, contudo, encontra-se submergida no topor econômico da cana-de-açúcar. O ritmo desenvolvimento econômico do país se mostra incapaz de remediar a inanição social e articular políticas de assistência, não demorará muito para os rostos escondidos na penumbra do espectro da fome submergir na cidade.

2. Fotolivro: fotografar e entrevistar.

O Fotolivro nasce inerente ao surgimento da fotografia, ou seja, surge como meio de divulgação da fotografia, contudo, a aprimoração do conceito parte dos princípios de que "Uma das razões para tanto está na natureza da própria fotografia. Sua história é marcada pela luta para ser reconhecida como arte, pelo empenho para ser entendida como algo tão complexo e acabado como a pintura" (BADGER, Gerry. 2015).

Grosso modo pode se dizer que o fotolivro é uma antologia de imagens fotográficas que comportam em sua essência a narrativa visual guiada pela análise do fotógrafo, contudo, não o fundamenta somente a essa alegoria, pressupõe que a realização de um livro fotográfico parte da junção das funções do fotográfico, editor e o designer gráfico. Entende-se que o fotógrafo realiza os registros, contudo, o tratamento das fotos parte da ação editor, o designer é responsável pela diagramação e organização dos elementos. Ao partir da ideia de que o fotolivro nasce inerente à fotografia, dificilmente pode se definir o surgimento do que se entende hoje como livro fotográfico.

Segundo Gossage (2015 *apud* BADGER, 2015), a estrutura de um fotolivro pode partir de quatro princípios "Em primeiro lugar, o fotolivro deve conter um excelente trabalho. Em seguida, precisa fazer que esse trabalho funcione como um mundo conciso dentro do próprio livro. Depois, é necessário que possua um projeto gráfico que enalteça o que está sendo tratado. Por fim, ele deve tratar de conteúdo que mantenha o interesse do leitor"

Os princípios citados por Gossage implicam em tratar a obra não como um mero capricho do fotografo, arquitetá-lo está ligado diretamente à construção de uma narrativa coesa às imagens e seu tema, atribuir um tema é definitivamente o papel mais importante, atribuir um tema implica em saber quais elementos vão compor a fotografia. Por meio do tema cativa-se o leitor e o convida a compreender a perspectiva do fotógrafo.

De acordo com o Fernández (2011, p. 14) a conjectura de fotolivro parte da continuidade linguística atribuída pela a organização de imagens, a fotografia não atua de maneira isolada, mas sim como fragmentos que compõem a narrativa visual. Quando se cogita uma obra fotográfica exposta em livros, presume-se que o livro fotográfico de certo modo também assume aspectos literários e historiográficos, pensar em literatura pode se presumir vertentes que vai do real à fantasia, o fotolivro não fica restrito ao real, nada impede o fotógrafo de construir uma fantasia por meio de *mise-en-scène*[3]. Entretanto, a perspectiva mais popular veste a roupagem de fotografia como registro social, ao indagar obras que se

[3] Expressão francesa utilizada para definir elaboração dos aspectos de cenários e personagens em obras teatrais e cinematográficas.

referem a fotolivros, nomes como: Sebastião Salgado, Takuma Nakahira, Luiz Alphonsus. Claudia Andujar e George Love caracterizam aspectos antropológicos e de certa forma catalogam o ser social, seu espaço e as ações.

Em Terra, Salgado (1997) é retratado em 137 fotos as condições de seres sociais em condições de subsistência no Brasil: membros do MST, moradores de rua e outros indivíduos não engajados na sociedade protagonizam e narram um fragmentos sócios-históricos. O registro de Terra infere diretamente os princípios sociais, quem o interpreta vislumbra o olhar social que acompanha a carreira do fotografo. O exemplo de Terra fundamenta a fotografia como um registro historiográfico e conclui o aspecto literário presente em um fotolivro, já que, por meio dele imortaliza-se um fragmento da história, o fragmento supõe a releitura de um fato e mantém a realidade dentro de sua atemporalidade.

2.1 A fotografia como registro social

Dentro a área da fotografia pode se encontrar diversidades nos métodos de escrever, o campo da fotografia permite em uma única imagem estática compor narrativas longas e intensas, pense em uma imagem de uma guerra, a frieza das barbáries transcritas em uma única imagem pode inserir no leitor, inúmeros sentimentos que talvez um texto com mil palavras jamais passaria. Talvez soe clichê dizer que, uma imagem vale mais que mil palavras, porém, defender esse dito popular não soa em momento algum *démodé*[4], isso porque sua linguagem objetiva ultrapassa as barreiras que surgem durante a interpretação da escrita.

> A leitura da escrita é uma ação linear e unidimensional. Quando se trata de um texto escrito em uma língua de origem latina ou anglo-saxônica, a trajetória seguida pelos olhos é horizontal. Indo da esquerda para direita. A leitura de uma fotografia é, ao contrário, bidimensional e prospectiva. Ela se dá de acordo com os componentes existentes dentro de uma imagem. É apenas em um caso que a leitura icônica se faz como leitura de um texto: quando os componentes são estruturados linearmente e que o restante da foto só contém elementos de fraco significado. Nesse caso a trajetória da leitura é como um texto, linear, sem distinção de valor hierárquico dos componentes" (LIMA, 1988. Pg 20)

A conjectura de linguagem fotográfica, segundo Bucci (2008), propõe empregar à fotografia a ação de registrar os fatos e narrá-los ao presente futuro. Ao se deparar com um registro fotográfico de 1985, por exemplo, o leitor absorve e elabora o contexto histórico, ou seja, pode se dizer que por meio de uma foto é possível compreender costumes e comportamentos de uma época, vestimentas, penteados, manifestações e objetivos, compõem

[4] Adjetivo derivado do francês para empregar o termo ultrapassado, fora de moda, antigo.

a concepção imagética de um determinado tempo e, por meio dela, é possível reconstituir o passado. Dessa forma, presume-se que, a fotografia é de fato um documento historiográfico e internamente um registro social.

Enxergar a fotografia como registro social infere diretamente em um método bem específico, com dito no início deste tópico, a linguagem fotográfica é composta por diversos métodos. Segundo Dubois (1994) Trata-se de método e não as técnicas de execução, como por exemplo: ISO[5], ângulo, enquadramento e hierarquização de objetos, mas refere-se diretamente ao que pode ser tratado como: estilo de fotografia. O estilo fotográfico é muito variável e caminha por métodos como: fotografia artística, paisagem, publicitária e fotojornalismo. A fotografia como registro social não necessariamente faz parte do aspecto fotojornalismo, contudo, a fotografia de imprensa traz em sua particularidade a essência em registrar o fato e enriquecer a veracidade de seu trabalho.

Em toda sua história, o fotojornalismo é responsável por transcrever a realidade ao seus leitores, levantar nomes como: Robert Capa, Mauricio Lima, Evandro Texeira e Sérgio Jorge concretiza suas características desenvolvidas durante os registros, ou seja, a essência em escrever a história em foto e levar ao leitor o fato, é até nos tempos de hoje onde o audiovisual predomina, relevante e traz em si a possibilidade de imortalizar o passado e por sua fez registrar o ser social dentro de seu espaço.

2.2 A arte intimista da entrevista

O jornalismo de acordo com Pereira (2004), dentro da área da ciência humana traz em sua alma certas particularidades que exprimem aspectos da comunicação social. Dentro de sua ampla capacidade de gerir a interação entre seres sociais e propagar a informação para todo um organismo social, o jornalismo, usufrui de métodos que partem de teorias nativas do que pode ser definido como entrevista. Para exemplificar, toma-se como base o real papel do jornalista, ou seja, informar a sociedade, contudo, o jornalista de certa forma é um mineiro dentro das infinitas minas presentes na sociedade, ao explorá-la ele traça rotas e extraí diversas pedras até chegar no mineral desejado, nesse caso, a informação. Ao ter a informação em mãos o jornalista leva para seu setor de lapidação para que a informação seja preparada, o processo de lapidação da informação e a prepara para torna-la ela acessível para o leitor, pensar nesse exemplo pressupõe que se o jornalista personifica o mineiro, suas técnicas

[5] Medida indicativa para sensibilidade do sensor à Luz. O uso do ISO implica em usar a iluminação ambiental para a composição das imagens, nesse caso, em ambientes poucos iluminados usam-se um número mais elevado no ISO, todavia, usá-lo de maneira erra implica em sacrificar nitidez na imagem.

podem ser analogamente comparadas às ferramentas do mineiro, contundo, também pode se presumir que uma entrevista bem feita resulta em uma ótimo achado.

Há uma diversidade de métodos para se conseguir executar uma entrevista, contudo, um dos mais interessante é de entrevista em profundidade, as técnicas propostas sugerem abordagens surgidas de processos de pesquisas qualitativas, todavia, os meios tornam-se incisivos e permitem extrair informações quase que cirurgicamente. Obter uma resposta não parte somente de uma simples indagação, a estrutura do roteiro de pergunta de um entrevistador necessita de enraizamento dentro do determinado assunto dominado pela a fonte, a elaboração da pergunta necessita de estratégia e dentro da metodologia de entrevista em profundidade, o questionamento promove viés que pode ser empregado ao projeto, dessa forma compreende-se que:

> Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada (DUARTE, 2017. Pg. 63).

A análise clínica das informações obtidas de uma fonte reafirma a relevância do tema defendido pelo entrevistado, contudo, quando se parte de abordagem mais profunda, pode se supor que até pessoas sem domínio de determinado assunto podem se tornar uma peça fundamental para a construção. Acredita-se que, por meio de uma abordagem dentro da entrevista em profundidade, a concepção individual da fonte passa a ser não um aglomerado de dados, mas sim uma perspectiva sobre determinada situação ou assunto “Em entrevistas em profundidade, a riqueza, a heterogeneidade das respostas é não apenas esperada, como também desejável. Cada respondente apresenta sua visão que pode ter colorido, interpretações, versões diferentes” (DUARTE, 2017. Pg 81).

A metodologia não nasce do interesse de tentar provar algo, ao contrário, os métodos são subjacentes do interesse de entender a história e registrá-la, a abordagem do entrevistador, a apesar de baseada em uma estrutura de pergunta, por sua vez, se mostra complacente a existência da fonte. Todavia, estruturar uma entrevista em profundidade também requer cuidados particulares, ou seja, em alguns casos a delicadeza e sutileza para se abordar alguém é quase que definitivo, visto que, em sua grande maioria não se trata de obter a resposta de quanto são dois mais dois. A sensibilidade e o estado emocional varia de acordo com a pessoa e de como ela está sendo abordada e pode ser que em determinada altura da entrevista, a fonte não queira mais ser entrevistado. De acordo com Jorge Duarte (2001), deixar as perguntas

mais sensíveis ou complexas para o fim evita situações como essa, contudo, deve-se evitar o risco de cansar o entrevistado.

Estruturar uma entrevista em profundidade é ter ciência de que fatores emocionais e sentimentais serão expostos, a análise social permitida pela metodologia mostra-se uma das mais interessantes dentro do âmbito jornalístico, a riqueza mesclada com reações sensíveis pressupõe a humanidade presente dentro da comunicação social, dessa forma, pode se afirmar que o método transparece a humanização do jornalismo e arquiteta resoluções transparentes para questões sociais.

3. Fotolivro: Califórnia Brasileira: A Pobreza m Retratos Ribeirão-pretanos

Ao elaborar a ideia de retratar a fome em Ribeirão Preto, o produto não presumia provar algo, contudo, transparecer a mazela que açoita a cidade. A cidade de Ribeirão Preto é um município que se mostra bem desenvolvido e de certa forma não sofre com a fantasmagórica fome, todavia, é desconfortável cogitar que há pessoas que diariamente subsistem com uma dieta abaixo do recomendado. A fome coexiste com a sociedade, seu espectro assombra o mundo todo – mesmo com variações até o lugar mais desenvolvido do mundo tem vestígios dessa cultura – contudo, devido a certos aspectos que envolvem fatores: políticos e geográficos, diversas regiões que são açoitadas violentamente por essa cultura. A temática da fome para o fotolivro surgiu de um interesse pelo o médico, geólogo e sociólogo Josué de Castro (1941). Em suas obras o autor caminha por diversos campos científicos para descontruir a fome e demostrar as variáveis que resultam e sua existência e as possibilidades de se contornar as situações de mazelas no mundo.

A elaboração do fotolivro parte das bases jornalísticas, os elementos de entrevista em profundidade e captação de imagem em fotojornalismo, combinados, refletem na elaboração de um registro social dentro do que pode ser definido como análise sociocultural. A estrutura provém da abordagem incisiva dos métodos de entrevista, a ideia é analisar a perspectiva do ser social assolado pela fome, a ação cirúrgica proposta pelo o método de entrevista em profundidade, permite por meio de uma abordagem mais íntima, coletar informações individuais dos entrevistados e usá-las dentro do contexto do fotolivro, as informações servem de alicerce para a estrutura do mesmo, que por sua vez, distância de qualquer análise analítica e se aproxima de um registro social que provém de sensibilidade ao reconhecer a cultura da fome em uma cidade onde o IDH se mostra de alto índice.

A escolha de fotografia como linguagem predominante não é um mero acaso, por se tratar de um trabalho de cunho social, a objetividade da linguagem fotográfica permite perfurar o subconsciente e o propor uma visão crítica de uma realidade que muitas das vezes mostra-se distorcida para a sociedade, saber que a fome existe é diferente de reconhecê-la, a precedência de fotolivro como produto midiático provém de trazer um pedaço dessa realidade para ser afirmada. A ideia primordial para a execução começa com a escolha do tom de cores para os registros, o tom monocromático dentro de sua alegoria, representa sensibilidade e de cerca forma compõe o âmago do tema, não necessariamente o preto e branco caracterizam assuntos dentro desse viés, contudo, as cores se mostram vivas na hora de transcrever a realidade.

Os planos fotográficos distanciam-se dos retratos, isso porque é necessário se tomar cuidado com a exposição de pessoas, muitas dessas pessoas encontram-se de maneira irregular ou preferem se preservar, dessa forma, o interesse de plano do fotolivro não sabem em caracterizar o rosto das pessoas, ao contrário, caracteriza-se o rosto do espectro da fome, e de certa forma registrar o espaço geográfico e social dessas pessoas alegoriza o que no primeiro capítulo define como uma cultura de fome. Fotografar a fome não parte de tentar provar, a fome é real e existe, contudo, precisa se desnuda e trazer à frente do conhecimento popular, saber sobre a fome não implica em resoluções, contudo mostrá-la e reafirmá-la resulta em indagar e reconhecer que a fome é uma mazela cultural e cabe ao estado elaborar medidas de combate.

3.1 A captação dos relatos e a construção do fotolivro

Os relatos da construção do fotolivro começam a partir da ideia central, visto que, eu cultivei o projeto como um estudo social. Acredito ser comum para estudantes da área de humanas alimentarem afeto por ciências sociais e, em meu ponto de vista, a imprevisão humana que passa ser objeto de análise da antropologia é de longe uma das ações científicas mais mirabolantes da história. Contudo, o fotolivro não nasceu como ideia primaria. A ideia era elaborar um livro reportagem inspirado na obra Geografia da fome (CASTRO, 1946) e assim identificar pessoas submetidas à situação de pobreza em Ribeirão Preto, porém, essa era uma ideia embrião e que ao estudar as delimitações deparei-me com problemas que se tornariam empecilhos durante a produção, foi a partir desses problemas que a ideia do fotolivro começou a surgir, a proposta dessa mídia surgiu a partir de meu orientador, Rafael Martins dos Reis, foi ele quem me indicou a produção de um fotolivro com as justificativas de que dentro da minha proposta primária se encaixaria melhor.

Inicialmente o projeto consistia em: traçar regiões submetidas, entrevistar e coletar relatos e criar uma estrutura literária para catalogar os relatos em estrutura de crônica. Contudo, o acesso a esse projeto se demostrou um tanto que inviável, a começar pela estrutura política da cidade, ao realizar as pesquisas para construção do referencial teórico deparei-me com uma cidade que flerta levemente com o que se intitula de espectro de fome. Como demonstrado no primeiro capítulo Ribeirão Preto é uma cidade com o índice de IDH elevadíssimo e apesar do número de favelas terem tido um aumento significativo de 70 em 2017 para 96 em 2019, ainda sim o número de pessoas que vivem em extrema pobreza encontra-se em maior escala nas ruas de Ribeirão Preto.

A partir desses empecilhos, a ideia passou a se transformar no fotolivro reportagem, sempre tive muito interesse em fotografias, contudo, nunca passou em minha cabeça elaborar um fotolivro, apesar de ter contato com esse tipo de mídia, a começar pelos trabalhos Gênesis e Êxodos de Sebastião Salgado (2000), que demonstram narrativas imagéticas para demonstrar as diásporas de povos esquecidos em determinadas regiões do mundo. Eu nunca coloquei em pauta a elaboração de um fotolivro, contudo, ao comentar as dificuldades para construção do livro reportagem, o orientador apresentou a ideia e me pediu para pensar sobre o possível uso da mídia. De fato, eu não tinha a base de como seria realizar um fotolivro, já que, eu entendia que um fotolivro não poderia ser somente um aglomerado de fotos sem harmonia e estrutura de narrativa, as fotos precisam contar histórias e reportar a realidade, as fotos casam bem com o meu tema, porém, como iria realizar um fotolivro e a resposta veio através da segmentação dos princípios que utilizei para amadurecer a ideia do livro reportagem, precisei transformá-los e amadurecê-los ao ponto quenão assuma a identidade de um retrato, mas sim, uma fotografia com um poder de ser interpretado ao ponto de despertar interesse pela realidade crua que resultam nas estatísticas que engrossam a cada ano.

Assim surge a determinação de executar um fotolivro reportagem, todavia, nada surge por somente tendo a ideia e é preciso empreender a ideia como fonte e por meio dela obter uma forma para transformá-la no projeto, a começar pelo o público alvo, durante o primeiro módulo da matéria de TCC um dos pressupostos para a execução de um produto é pensar o público-alvo que quer atingir e o porquê de atingi-lo, bem, logo parti da ideia citada de que as pessoas perdem a identidade ao se transformarem em estatísticas e por meio disso passam a ser números que assombram um determinado número de pessoas que alimentam interesse em ciências sociopolíticas, contudo, o meu projeto não visa criticá-los, mas, reforçar o aspecto humana em compõe a estatística e o público determinado como alvo são pessoas interessadas em manifestações sociais e também providas de sensibilidade ao ponto de parar e analisar o aspecto humanista intrínseco à narrativa das fotos, ou seja, atingir as pessoas que têm interesse no campo de estudo e também tentar despertar a atenção das pessoas que vivenciam a realidade mas não nota as bordas desse longo corredor que percorremos diariamente às cegas, durante a pesquisa de campo que realizei antes de começar a fotografr minhas primeiras fotos, pude perceber que diariamente durante minha rotina, diversos seres socialmente exclusos compõem indiretamente a minha vida, eles, assumem um papel objetivado e estão lá, estáticos, todos os dias durante às 7:00 e 7:30 passo ao lado e nunca os notei, imóveis e estagnados como pedras no caminho determinado pela sociedade que nos guia à única certeza, a morte.

Essa experiência me fez refletir sobre direitos constitucionais e relevância humana. Notei que os direitos nem sempre são para todos e compreender as deficiências políticas é uma obrigação social. Mas em Ribeirão Preto esse panorama distancia-se um pouco e isso se deve ao fato de os serviços de políticas de amparo executam ações para amenizar as situações, todavia, as políticas não podem agir coercitivamente a obrigar as pessoas a irem aos abrigos ou setores que triam e tecem um destino que distanciem essas pessoas de sua atual situação, penso eu que esse panorama positivo ocorre devido ao alto desenvolvimento da cidade e ao analisar a situação dentro de uma panorama nacional, eu notei que os direitos assumem antagonismo aos deveres, para acentuar a reflexão volto a citar os números divulgados pela a FGV (Fundação Getúlio Vargas) referente à última pesquisa sobre o número de desigualdade social que nós últimos 7 anos apresentou um crescimento de 0,6 para 0,627 numa escala de 0 para 1. Acredito que está na hora de revisar o papel constitucional e como parafraseio o político alemão Ferdinand Lassalle, que em seu discurso que resultou na obra A Essência da Constituição disse, uma constituição sem inclusão social é somente uma folha de papel.

Após definir o público-alvo e definir a mídia se deu inicio à construção do fotolivro, contudo tive muitas dificuldades ao definir as fontes para captação de imagens e entrevistas, a partir dessa dificuldade foi definido que o projeto abordaria as regiões do centro e abaixada seguindo rumo aos bairros Vila Virgínia e Parque Ribeirão Preto, essa definição ocorreu porque se trata justamente das regiões com mais pessoas expostas às mazelas. Ao conservar com as pessoas submetidas à cultura de pobreza e suas mazelas percebi que havia uma forte dificuldade de extrair informações e imagens, a população de rua costuma hostilizar as pessoas fora de seu universo e isso se deve a diversas questões como: medo das autoridades públicas, distorções na saúde mental, insegurança e até mesmo o uso de drogas lícitas ou ilícitas. Diversas vezes fui hostilizado ou me coloquei em situação de risco, por exemplo, a vez que estive a fotografar e a entrevistar as pessoas na avenida caramuru e fui perseguido por 5 quarteirões por um dos pedintes da região. É complexo interagir com as pessoas que subsistem nas ruas de Ribeirão Preto, a impressão que fica é a de abandono total e indiferença por parte da sociedade e especialmente por parte do município, visto que, apesar dos esforços da Secretaria de Serviço Social o aspecto agravante de uns anos para cá só demonstra a complacência do município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre pobreza em Ribeirão Preto é complexo devido ao alto desenvolvimento da cidade, mas contramão aos fortes números que alavancam a eficácia do desenvolvendo do município não demonstram os números alarmantes que apontam o crescimento da população de rua. Ao deparar-me com essa realidade, a imagem beira à concepção de uma realidade paralela à qual o ribeirão-pretano está incluído, ou seja, é natural lidar com pessoas submetidas às condições de pobreza e sua mazela, todavia, o crescimento dessa população que vive sem amparo tomou proporções descontroladas.

Apáticos e submetidos à política excludente, as pessoas submetidas à subsistência no município vivem constantemente sobre riscos, nas ruas estão submetidos a situações alusivas à falta de saneamento, subnutrição, violência e problemas inerentes ao consumo de drogas lícitas ou ilícitas e distorções psicológicas que necessitam de um acompanhamento profissional. Para as pessoas que circulam pelo o calçadão ou então na região da rodoviária, a população de rua é uma constante ameaça, visto que, as pessoas temem a furto ou então a serem vítimas do comportamento agressivo. Analisar a situação subjacente dessa cultura traz questões que deveriam ser remediadas com as bases constitucionais, mas a realidade vai à contramão dos princípios de direito básico e condenam seres humanos que indistintamente são condenados ao ostracismo e a perda de identidade social o que reflete na falta de amparo e a privação de direitos básicos. A realidade à qual estão incluídas é abstrata e cresce à medida que o governo distancia-se das políticas de amparo, atualmente segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) em pouco mais de 5 anos Ribeirão Preto subiu de 414 para 3.405 o número de moradores de rua, sendo que desses 3.405 cerca 2.861 são oriundos de outras cidades.

Atualmente toda essa situação atingiu um patamar de normalidade à medida que a população da cidade foi se acostumando. Dia a dia é comum se deparar com as mesmas pessoas a pedir esmolas ou qualquer resto de comida que possa vir satisfazê-la ou então jogadas a dormir nas ruas, as cenas passaram a fazer parte da cidade e ninguém demonstra incomodo, visto que, as pessoas passaram a ignorar toda a realidade da cidade que é referência ao que se trata como desenvolvimento. A conclusão das considerações fica em torno da indagação quais medidas podem vir a serem usadas para conter e amenizar essa cultura que vai contra a vida e inviabiliza o desenvolvimento do ser social e à medida que o município demonstra desinteresse, as ruas abrigam as pessoas que juntas compõem a dura estatística de pessoas subnutridas, sem lar e sem uma identidade social

Referências bibliográficas:

A História de Ribeirão Preto, **Convention&Visitors Bureau.** Ribeirão Preto, 2019. Disponível em: <https://www.ribeiraopretoconvention.org.br/nossa-historia/> Acesso em: 22 de Maio. 2019.

BADGER, Geeey. **Por que fotolivros são Importantes**, Revista de Fotografia Zum edição nº8, 2015. São Paulo, 31 de Ago. 2015. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-8/fotolivros/> Acesso em: 25 de Mai. de 2019.

BRASIL. **Constituição** (1988). Emenda Constitucional nº 64, de 06 de abril de 2010. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, introduzindo artigos que criam o Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza. In: CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 17.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BUCCI, Eugênio. "**Meu pai, meus irmãos e o tempo**." In: 8 X Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CASTRO, Josué de.**Geografia da fome**. Apresentação de Milton Santos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CATANHO, Lucas. Em menos de dois anos, número de favelas quase dobra em Ribeirão Preto, **ACidadeON.** Ribeirão Preto, 11 de Mar, 2018. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,0,0,1312777,em+menos+de+dois+anos+numero+de+favelas+quase+dobra+em+ribeirao+preto.aspx> Acesso em: 25 de Mai. 2019.

Com 70 favelas, Ribeirão Preto registra uma tentativa de ocupação por mês. **G1 Ribeirão e Franca**.Ribeirão Preto, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2017/03/com-70-favelas-ribeirao-preto-registra-uma-tentativa-de-ocupacao-por-mes.html> Acessado em: 18 de Mai. 2019.

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação Histórica dos Direitos Humanos**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2003. 577 p.

DELGADO, Guilherme. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. São Paulo, Vol. 15, No. 43. Dec. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300013> Acesso em: 18 de Mai. de 2019.

DUARTE, José; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas,2017.

DUBOIS, Philipe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, Papirus, 1994

FAO -FoodandAgricultureOrganization (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação). Indicadores de desenvolvimento social brasileiro, 2014. Rio de Janeiro, 2014.

FERNÁNDEZ, Horácio. Fotolivros latino-americanos. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

IBGE ¬ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Indicadores de pobreza determinado pelo o Banco Mundial, 2018. Rio de Janeiro, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa de desenvolvimento do Produto Interno Bruto de São Paulo. 2010. São Paulo. 2010.

ÍNDICE DE GINI –PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO DE RENDA. Indicadores de crescimento de desigualdade social, 2019, Rio de Janeiro. 2019.

IPRS – ÍNDICE PAULISTA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL. Região de Administração de Ribeirão Preto. 2007, Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/arquivos/iprs/2016/RibeiraoPreto.pdf> Acesso em: 18 de Mai. 2019

LasHurdes, tierrasin pan. Direção: Luís Buñuel. Espanha: Filme independente, 1933 (30 min)

LASSALLE, Ferdinand. **A Essência da Constituição,** 9ª Edição. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2014.

LIMA, Ivan. A Fotografia é a sua linguagem, 1º edição. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MADRIGAL, Alexis. O exercício da cidadania no desenvolvimento da sociedade. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 21, n. 4673, 17 abr. 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48124>. Acesso em: 30 maio 2019. Acesso em: 01 de Jun. 2019.

CASTRO, César. A Agricultura no Nordeste Brasileiro: Oportunidades e Limitações ao Desenvolvimento, ISSN 1415-4765, Rio de Janeiro, Nov. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1011/1/TD_1786.pdf>

ORTEGA, Edsom. Secretário de Planejamento anuncia combate sistemático a novas invações, **ACidadeON.** Ribeirão Preto, 11 de Mar. 2018. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,0,0,1312798,secretario+destaca+combate+sistematico+as+novas+invasoes+de+terrenos.aspx> Acesso em: 25 de Mai. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique. Da responsabilidade social aojornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. Lisboa: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004a. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabioresponsabilidade-jornalista.pdf> Acesso em: 25 abr. 2019.

PNUD –PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS DE DESENVOLVIMENTO. Perfil de desenvolvimento por estado, Ribeirão Preto. São Paulo. 2010. São Paulo. 2010.

SALGADO, Sebastião. Terra, 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TOLEDO. Marcelo. Órfãos da Cana. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 31 de setembro de 2018. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/orfaos-da-cana/orfaos-da-cana/fim-da-queima-expulsa-trabalhadores-dos-canaviais-e-trava-migracao-para-sp.shtml> Acesso em: 25 de Mai. de 2019.